

**TECNOLOGIA COMO INSTRUMENTO CATALISADOR DE SABERES  
ACADÊMICOS: LETRAMENTO TECNOLÓGICO COMO INDÍCIO DE UMA  
NOVA ERA EDUCACIONAL**

**TECNOLOGÍA COMO INSTRUMENTO CATALISADOR DE SABERES  
ACADÉMICOS: LETRACIÓN TECNOLÓGICA COMO INDICIO DE UNA  
NUEVA ERA EDUCACIONAL**

Bruno Gomes Pereira<sup>1</sup>  
Marcello Schmidt Silveira<sup>2</sup>  
Carlos Andrew Costa Bezerra<sup>3</sup>

**RESUMO**

Esse artigo tem como objetivo discutir como a tecnologia desempenha papel precípuo no atual contexto de educação mundial. Logicamente, mesmo a passos lentos, o Brasil adere-se a tal realidade, o que, na maioria dos casos, causa falta de reação por parte do corpo docente. A Fundamentação Teórica baseia-se na confluência indisciplinar entre diferentes áreas do conhecimento humano, partindo da premissa de que a tecnologia é instrumento propulsor para catalisação de saberes de diversas naturezas. A Metodologia de Pesquisa é de base bibliográfica, tendo em vista que foram mobilizados autores de diferentes perspectivas filosóficas de estudo na tentativa de complexificar o papel da tecnologia como era pós-moderna. Espera-se que o referido trabalho impulse outras reflexões vindouras, as quais possam versar acerca da tecnologia não como algo dissonante dos preceitos de ensino, mas sim como uma ferramenta que pode contribuir veementemente na inovação de práticas pedagógicas.

**Palavras-Chave:** Catalisação por meio da Tecnologia; Letramento Tecnológico; Teoria da Complexidade.

**RESUMEN**

Este artículo tiene como objetivo discutir cómo la tecnología desempeña un papel preponderante en el actual contexto de educación mundial. Lógicamente, incluso a pasos lentos, Brasil se adhiere a tal realidad, lo que, en la mayoría de los casos, causa falta de reacción por parte del cuerpo docente. La Fundamentación Teórica se basa en la confluencia indisciplinaria entre diferentes áreas del conocimiento humano, partiendo de la premisa de que la tecnología es instrumento propulsor para catalizar los saberes de diversas naturalezas. La Metodología de Investigación es de base bibliográfica, teniendo

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Membro da Associação Latino-Americana de Linguística Sistemico-Funcional (ALSFAL) e da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). Pesquisador Institucional e Docente do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (UNITPAC/Araguaína). E-mail: brunogomespereira\_30@hotmail.com.

<sup>2</sup> Especialista em Gestão do Conhecimento e da Tecnologia da Informação pelo Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos (ITPAC). Docente do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (UNITPAC/Araguaína). E-mail: marcellosilveira@itpac.br.

<sup>3</sup> Mestre em Engenharia de Software pelo Cesar School. Docente do Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (UNITPAC/Araguaína). E-mail: andrewbezerra@itpac.br.

en vista que fueron movilizados autores de diferentes perspectivas filosóficas de estudio en el intento de complicar el papel de la tecnología como era posmoderna. Se espera que este trabajo impulse otras reflexiones venideras, las cuales puedan versar acerca de la tecnología no como algo disonante de los preceptos de enseñanza, sino como una herramienta que puede contribuir vehementemente en la innovación de prácticas pedagógicas.

**Palabras clave:** Catalina por medio de la Tecnología; Lector Tecnológico; Teoría de la complejidad.

## 1 INTRODUÇÃO

Muito tem se falado acerca das especificidades do comportamento humano do século XXI em detrimento dos séculos posteriores. Diante disso, emergem-se diferentes perspectivas de leitura, escrita, saberes e, principalmente, como gerenciar todas essas esferas canalizando-as para um ponto positivo na formação do indivíduo.

Entretanto, é possível ainda notar uma resistência muito forte no que tange às contribuições da tecnologia, principalmente por áreas do conhecimento humano ainda fortemente influenciadas por um tradicionalismo obsoleto e medieval. Todavia, este argumento é plausível de uma discussão mais densa muito pertinente, porém em abordagens vindouras. Nesta, a proposta é apresentar a tecnologia como ferramenta que pode ser utilizada como mecanismo inovador em quaisquer áreas do conhecimento.

Como Fundamentação Teórica, a proposta é compreender que a tecnologia é um instrumento indisciplinar por natureza na medida em que é entendida como facilitadora para o desenvolvimento de quaisquer habilidades do ser humano. Logo, trata-se de algo intrínseco ao ser humano.

Prefere-se utilizar o termo “indisciplinar” em detrimento de “interdisciplinar” por julgar-se este mais contemporâneo e mais expressivo, do ponto de vista de abrangência sociológica (MOITA LOPES, 2013a; 2013b; 2006a; 2006b). Esse ponto será mais detalhadamente explorado no decorrer dessa abordagem.

Espera-se que este artigo seja convidativo as demais áreas do conhecimento humano, ao passo que a tecnologia é, sem dúvida, a principal ferramenta de interação do mundo pós-moderno<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> O termo “pós-modernidade” utilizado nesta abordagem é condizente ao que é proposto por Giddens (1991), ao cunhar que a modernização é algo processo embutido nas ações inter e intrapessoais que sofrem interferências de forças extralinguísticas. Assim, pensar um mundo pós-moderno é reconhecer a evolução das coisas, mesmo que muitos sejam resistentes, como algo inevitável, tendo em vista que a organicidade

## **2 LINGUAGEM E TECNOLOGIA: DIÁLOGOS INDISCIPLINARES**

A linguagem é algo inerente ao ser humano, uma vez que toda civilização evoluiu em diversos aspectos a partir de seu amadurecimento, desde sua gênese. Aplica-se aqui quaisquer teorias que abarcam a origem humana, o ato de se comunicar, se interagir e se relacionar uns com os outros sempre se mostrou como célula central do processo. Nesse sentido, é impossível afirmar categoricamente a origem da linguagem, uma vez que esta se confunde diretamente com a origem do próprio homem.

Por outro lado, a linguagem começou a despertar interesse científico nos estudos da Linguística Estrutural de Saussure (1999), os quais, mesmo priorizando a língua em detrimento da linguagem, reconhecia o valor social desta, o que não era pertinente nos diálogos estabelecidos por aquela.

O postulado saussuriano deu margem à múltiplas teorias sobre linguagem aplicada a diferentes contextos. As diretrizes do pesquisador genebrino foram de suma importância para a contribuição em todas as áreas do conhecimento humano, mesmo aquelas que não concordam diretamente com as sucessivas dicotomias propostas pelo Pai da Linguística Estrutural Moderna.

Esse argumento, por sua vez, justifica o fato de, nesta abordagem, dar-se preferência ao termo “interação” e não “comunicação”, quando faz-se referência às intervenções tecnológicas no comportamento humano.

O segundo termo traz consigo uma denotação estritamente responsorial, que valoriza apenas a transmissão da mensagem, algo que muito lembra os estudos de Jakobson (2003), em que o ato de se comunicar se esgota apenas no fato de se ter um emissor, um receptor, um canal e uma mensagem. O referido termo, do ponto de vista lexicológico (PEREIRA, 2015; LORENTE, 2004; BIDERMAN, 2001), tem acepção predominantemente estruturalista da situação, o que parece não coincidir com os verdadeiros preceitos da linguagem aplicada à tecnologia.

Em contrapartida, o primeiro termo contempla com mais veemência as esferas de construção de sentidos, ideológica, intencional e, principalmente, de vulnerabilidade da linguagem, o que parecer ser mais pertinente ao que se defende nesta abordagem.

---

do ser humano é transposta e evidenciada por intermédio de suas ações juntos a outros seres e fatores sociais.

Nesse sentido, é válido dizer que a ideia de interação é condizente com os propósitos da linguagem tecnológica, uma vez que esta é, de fato, o que move a necessidade da era digital: a interação, bem como os efeitos de sentidos<sup>5</sup> causados por intermédio dessa relação. Isso é ilustrado pelo processo de melhoramento de programas e aplicativos a partir da necessidade da comunidade linguística que os utilizam.

Conforme Bakhtin (2006; 2003; 1984), todos os atos são mediados pela linguagem que, por sua vez, se manifesta em consonância com a esfera pragmática em que opera. Assim, é um fenômeno pressionado por forças centrípetas e centrífugas que, conjuntamente, desenham o panorama social.

Assim, no contexto tecnológico, a linguagem serve também como indício do que deve ser mudado num processo de programação, o que permite o melhoramento do produto ao usuário. Logo, não se trata de algo fora da esfera da intencionalidade, pelo contrário. Se há a necessidade de melhoramento do produto é justamente para satisfazer as exigências de quem os consome. Disso são construídos os diferentes efeitos de sentidos já mencionados acima.

Diante de tudo isso, é válido dizer que a linguagem, no âmbito tecnológico, é mais que um instrumento interdisciplinar<sup>6</sup>, pois não se esgota em saberes acadêmicos. Trata-se de, na verdade, algo indisciplinar, uma vez que ultrapassa a barreira dos conhecimentos teórico-acadêmicos e encontra no empirismo justificativa para muitas tomadas de decisões.

A ideia de indisciplinaridade que é proposta aqui baseia-se nos estudos aplicados da linguagem, já tradicionais no campo da investigação de ensino por meio de estratégias inovadoras. Trata-se de um termo criado por Moita Lopes (2006a; 2006b), que consiste justamente na concepção de indisciplina dos saberes. Em outras palavras, em contextos tão voláteis, como a esfera tecnológica, é no mínimo ingênuo imaginar que a linguagem na catalisação de habilidades se esgota nos saberes oferecidos unicamente pelos componentes curriculares.

---

<sup>5</sup> A concepção dada ao termo “efeitos de sentidos” é embasada nos estudos problematizados pela Análise do Discurso Francesa (AD), teoria dos estudos da linguagem que analisa as manifestações linguísticas a partir dos sentidos que podem ser construídos a partir da relação entre enunciadores.

<sup>6</sup> A concepção de “interdisciplinaridade” assumida nessa abordagem baseia-se em Fazenda (2003; 2002; 2001; 1995) quando argumenta sobre a necessidade de dialogismo entre áreas distintas, mas que compõem apenas a esfera acadêmico-científica, sem levar em conta o saber empírico. É pertinente afirmar que, nesta abordagem, não há qualquer tipo de intenção de menosprezar as contribuições dos estudos interdisciplinares, pelo contrário. O que ocorre é que, na concepção dos autores desse artigo, essa definição de interdisciplinaridade não abarca suficientemente ao que fora proposto no referido artigo.

Em síntese, não são apenas os saberes que convergem com a concepção de tecnologia que dão ao usuário a habilidade de se reinventar e tentar adequar-se à novas demandas, mas sim vários outros saberes que, por não serem necessariamente disciplinas, fixam-se como eficazes na construção da linguagem no âmbito tecnológico.

Abaixo, elenca-se a Figura 1, a qual ilustra o movimento indisciplinar a que foi feito referência acima.

**Figura 1:** Movimento Indisciplinar a partir da Tecnologia



**Fonte:** Dos Autores

A figura acima ilustra os movimentos indisciplinares entre a linguagem (na acepção tecnológica do termo), os saberes acadêmicos (que incorporam informações sobre tecnologia) e os saberes empíricos (que são aqueles oriundos da base cultural do

indivíduo, que pode ou não estar necessariamente associado à tecnologia). No que se refere à linguagem tecnológica, existem vários trabalhos que tentam dar conta da relação entre tecnologia e comunicação. Entretanto, boa parte deles, esbarram nas limitações já mencionadas aqui anteriormente: o estancamento nos elementos da comunicação e a falta de se considerar os sentidos mediadores dessa prática. Sobre isso, é possível citar os trabalhos de Pereira *et al* (2018), Adams e Souza (2016) e Freire (2009).

Pereira *et al* (2018), apresentam questionamentos embrionários acerca de linguagem em diversos âmbitos do saber humano. Os autores fazem um mapeamento sobre a concepção linguística aplicada às práticas sociais específicas. Ao se referirem à linguagem no âmbito tecnológico, o direcionamento baseia-se no que se convencionou chamar de “internetês”, que são expressões linguísticas características de determinadas redes sociais. Opta-se por não utilizar o termo “erro” nessas situações, e sim os termos “adequado” ou “inadequado”, uma vez que, além de desenharem as especificidades de um gênero textual de base tecnológica, caracterizam também uma linguagem que se resume à esfera tecnológica, representada na pesquisa pelas redes sociais.

Adams e Souza (2016) avançam nas discussões no sentido de apresentarem subsídios mais palpáveis para se (re) pensarem a linguagem no âmbito tecnológico. Para os autores, é necessário discutir-se acerca dos desafios da educação a partir da intervenção de novas tecnologias que possam qualificar competências e romper paradigmas de que para se ensinar algo o lápis e o papel são as únicas ferramentas.

Nesse mesmo sentido, Freire (2009) acrescenta sobre a importância da linguagem tecnológica no processo educacional de professores em formação continuada. Em sua pesquisa, o autor relata experiências vividas com professores em fase de formação continuada na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em que muitos apresentavam extrema dificuldade no manejo das ferramentas tecnológicas, o que lhes faziam sentirem-se pressionados, uma vez que suas práticas pedagógicas exigiam inovação, já que não estavam mais surtindo o efeito positivo esperado.

No que se refere aos saberes empíricos, é incoerente ignorar sua eficácia no processo de construção da ciência, uma vez que os saberes científicos estão cada mais inconsistentes, no que tange às demandas de uma sociedade pós-moderna. Logo, é

necessário levar em conta a carga ideológica e cognitiva que o indivíduo adquire em seu contexto cultural<sup>7</sup> e a dissemina em outros ambientes que frequenta.

Nesse sentido, o que é proposto por Japiassu (1976) parece convergir com a proposta que se tenta elencar nesse artigo. Para o autor, é uma utopia considerar que qualquer conhecimento se esgote nele mesmo. É necessário pensar que todo saber é entrelaçado por outros saberes de diferentes origens, mas que, na verdade, a influência primeira é sempre a cultural, a familiar.

Nesse sentido, no processo educacional por meio da linguagem e da tecnologia, os saberes acadêmicos são essenciais, logicamente, mas não são suficientes para a realização de um produto com sucesso ou uma intervenção didático-pedagógica satisfatória. Existem múltiplos trabalhos que versam sobre esses assuntos. Não é objetivo aqui adentrar profundamente nos meandros específicos da tecnologia, mas sim pensá-la em como fazer dela um instrumento que possa ser utilizado a favor do ensino. Ainda assim, considera-se como de extrema relevância ao que se propõe nessa abordagem as pesquisas de Gusmão (2010), Miranda (2015) e Bezerra (2017).

Gusmão (2010) problematiza a qualidade de educação no Brasil frente à explosão de recursos tecnológicos que têm aparecido. Para a pesquisadora, saber criar um jogo ou um aplicativo qualquer não assegura que este produto vá ser direcionado aos alunos como deveria ser pedagogicamente correto. Assim, nessa concepção, é possível enxergar a necessidade do saber criar o produto, mas sem perder de vista também a maneira de o manusear junto ao aluno em situações que envolvam ensino e aprendizagem.

Já Miranda (2015) propõe a criação de jogos pedagógicos para o ensino de Química no contexto de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Além da preocupação com a criação do jogo em si, a pesquisadora fez um mapeamento das principais dificuldades diagnosticadas na turma para que, assim, as ferramentas dos jogos pudessem fazer sentido aos alunos que eram o público alvo.

No que se refere à pesquisa de Bezerra (2017), é possível observar algumas peculiaridades, uma vez que sua criação não foi direcionada propriamente à educação a partir de tecnologias, mas o que não impede de fazer-se ressignificações dessa natureza nessa abordagem. Em sua pesquisa, o autor problematiza a criação de ferramentas de

---

<sup>7</sup> A ideia de contexto de cultura que é trazido à baila nessa abordagem ancora-se nas teorias de ensino antropológico da Austrália, quando consideram que toda e qualquer manifestação linguística a parte de um ponto mínimo de cultura (HALLIDAY, HASAN, 1989).

integração de dados em saúde a partir do que ele intitula “hCloud – Um Middleware HL7 em Nuvem para Integração de dados em Saúde”. Evidentemente que a pesquisa ora mencionada foi motivada pelo crescente avanço da tecnologia em uma era pós-moderna que abrange todas as áreas do conhecimento, o que direciona, mais uma vez, aos aspectos da linguagem tecnológica que se delinea em todas as esferas do conhecimento humano.

Em síntese, ao considerar as especificidades da linguagem tecnológica aplicada à educação, o movimento indisciplinar parecer ser o mais concernente, tendo em vista todas essas nuances que se desenham mediante aos processos de evolução tecnológica. Dessa forma, sua aplicabilidade ao ensino é, na verdade, algo que não se pode questionar.

### **3 LETRAMENTO TECNOLÓGICO: NOVAS PERSPECTIVAS DE ENSINO NA ERA DA COMPLEXIDADE**

Muitos estudos versam sobre letramento em diversas instâncias (FAIRCLOUGH, 2012; FEITOZA, 2014; FISCHER, DIONÍSIO, 2011; FUZA, 2015). Mesmo considerando as peculiaridades a que se aplicam, as teorias do letramento partem sempre de um ponto comum: o poder de reflexão da linguagem a partir da própria linguagem.

O termo letramento, do inglês *literacy*, foi cunhado por Street (2014; 2012; 1984) para designar eventos linguísticos em que houvesse a via de mão dupla da integração entre enunciadorees. Para o autor, a língua, bem como a linguagem, são reflexos de questões sociais que, por isso, fazem desses elementos instrumentos não opacos. Há na verdade, um feixe de sentidos que o enunciador deve perceber a partir de sua interação com outros enunciadorees e com o mundo.

O que se questiona da concepção de *literacy*, do inglês, para a noção de letramento que se tem hoje no Brasil é a flexibilidade do termo. Enquanto que no inglês essa ideia de estende à alfabetização, no Brasil, estudos dão conta de que alfabetizar não é o mesmo que letras. Entretanto, não é objetivo dessa abordagem fazer uma explanação exaustiva sobre isso.

Nessa abordagem, propomos a utilização do termo “Letramento Tecnológico” por entender que se trata de uma esfera social bastante específica e que tem ganhado espaço significativo nos últimos tempos. A proposta é incentivar a discussão sobre



tecnologia como ferramenta catalisadora<sup>8</sup> de habilidades, o que a torna um elemento de letramento em instâncias plurais.

Assim, letrar tecnologicamente alguém, pelo menos na concepção dos autores deste artigo, não é apenas injetar conhecimentos específicos e técnicos da tecnologia, mas principalmente fazer o indivíduo refletir a partir desse conhecimento, de maneira a saber aplicá-lo em diferentes domínios sociais.

Tal como afirma Bauman (2004; 2001), a sociedade pós-moderna caracteriza-se pela sua efemeridade, rapidez e fluidez. Nesse contexto, metodologias que levam muito tempo para serem executadas tendem a se tornarem enfadonhas e cansativas, o que desestimula o aluno. A tecnologia, nesse contexto, é elemento basilar para o atendimento de um novo aluno o qual anseia por um aprendizado mais rápido e prazeroso.

Logo, toda essa ligeireza, a qual foi descrita acima, caracteriza o que se denomina sociologicamente como Teoria da Complexidade ou Era da Complexidade (MORIN, 2011; 2005; 2003).

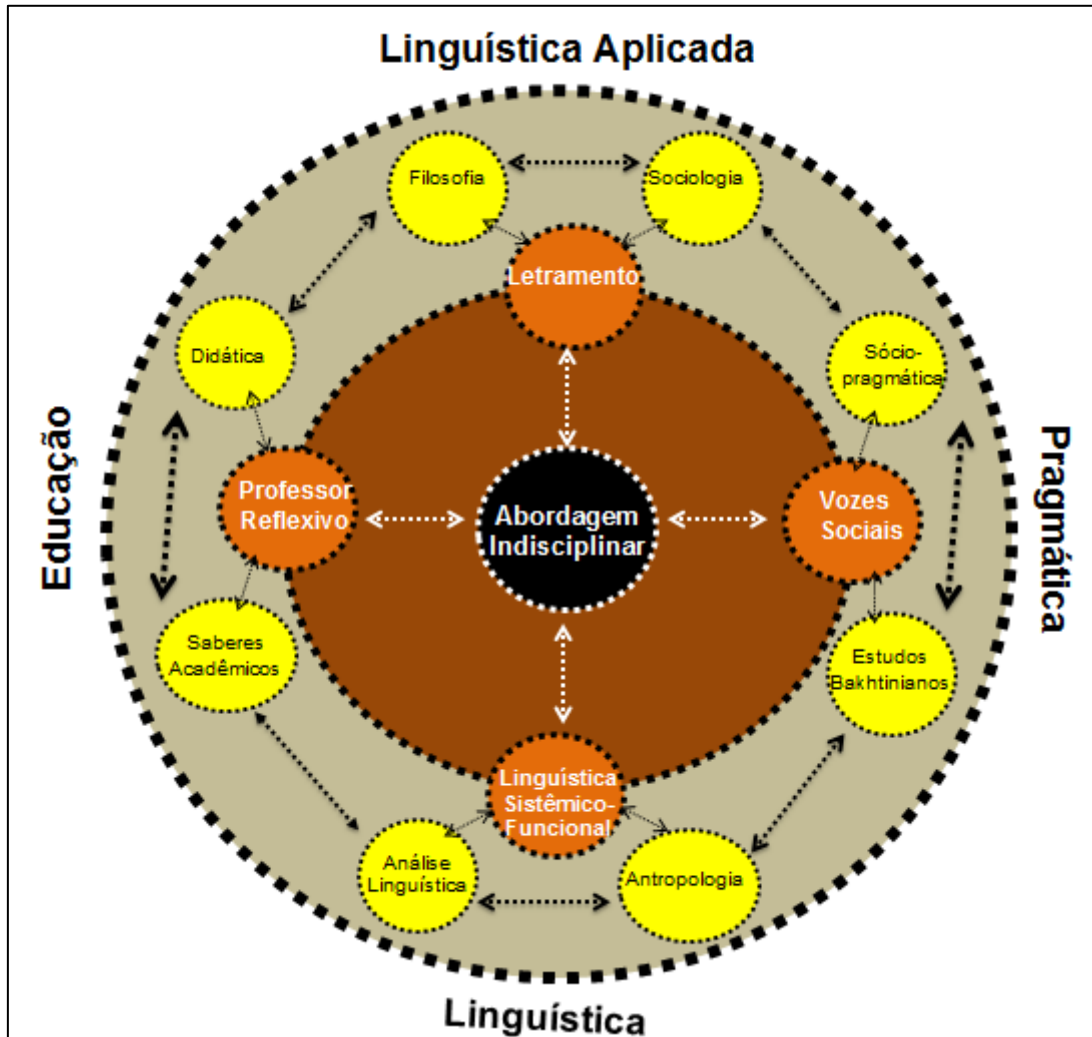
É importante enfatizar que o termo “complexidade” está sendo utilizado aqui não no sentido de diagnosticar algo difícil, complicado, mas sim para caracterizar um movimento cultural pós-moderno que cobra diferentes olhares sobre o mesmo objeto de pesquisa. Por isso, afirma-se que nenhuma área do conhecimento humano é autossuficiente, uma vez que todas se comunicam e constroem um todo orgânico. Logo, o ensino por intermédio da tecnologia não pode, nem deve, se esgotar nos conhecimentos puramente técnicos e teóricos, pois o que deve ser observado com mais atenção não é a tecnologia em si, mas sim o seu entorno. É isso que caracteriza o caos que o filósofo contemporâneo tanto enfatiza.

A Figura 2 ilustra esse movimento de caos e desordem social em que os saberes parecerem se perder em si mesmos, o que dá vazão ao nascimento de novos saberes e profissões.

---

<sup>8</sup> O termo “catalisação” converge com as concepções propostas por Signorini (2006), ao compreender que catalisar é, na verdade, potencializar habilidades de reflexão da própria linguagem, sabendo aplicá-las em qualquer contexto de uso linguístico.

Figura 2: Diálogos possíveis na Era da Complexidade



Fonte: Pereira (2016, p. 31)

A Figura 2 foi extraída da pesquisa de Pereira (2016), quando o autor propôs a comunicação indisciplinar entre os saberes de diferentes naturezas, junto aos pressupostos da Teoria da Complexidade, para explicar os procedimentos de escrita acadêmica.

Neste artigo a intenção é um pouco diferente. Em detrimento da escrita acadêmica, interessa-se mais de perto pelas possibilidades de catalisação do letramento tecnológico a partir da figura criada pelo referido autor. Nesse sentido de deslocamento, é comum o leitor atento imaginar outras áreas do conhecimento que não foram listadas na imagem, o que contribui na ampliação de horizontes cognitivos concernentes à tecnologia aplicada à educação em meio a Era Complexa.

A Figura 2 é constituída por uma série de círculos que se comunicam por setas de vias de mão dupla, bem como por pontilhamentos que, ao invés fechar os círculos,

agem como poros intercomunicativos, os quais permitem o diálogo entre todas as áreas do conhecimento de maneira simultânea. Isso, por sua vez, sugere uma atmosfera de imprecisão da figura, uma vez que seu início e seu fim não podem ser delimitados, tendo sido dissolvida uma ideia de cíclica dos fenômenos.

É nesse turbilhão que a tecnologia aparece como algo transversal. É importante entender que a tecnologia não está sendo entendida como uma disciplina, mas sim como uma ferramenta que oferece subsídios capazes de catalisar conhecimento em quaisquer áreas do saber humano.

Nesse sentido, o letramento tecnológico, na verdade, pode ser visto como uma sucessão de fatores pedagógicos que podem ser executados simultaneamente a qualquer conhecimento específico, de maneira a viabilizar um ensino mais satisfatório e condizente com a atual conjuntura social, tal como consta na Figura 2.

Em suma, espera-se que os referidos questionamentos possam ser convidativos, no sentido de fazer com que os docentes repensem o papel da tecnologia na sala de aula, não a vendo como inimiga, mas como aliada a uma realidade social já instaurada.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo convida o leitor atento a repensar o papel da tecnologia em diversos âmbitos de formação educacional. Para isso, é necessário reconhecer a mudança dos tempos e, mais que isso, tentar adequar-se a elas.

Por outro lado, é necessário esclarecer que a adequação supracitada, do ponto de vista antropológico, evidentemente não é algo tão simples quanto parece, pois está diretamente associada à cultura e à construção de *ethos*<sup>9</sup>, fatores esses que ajudam a costurar a anatomia de uma sociedade que concebe a transição não como algo natural, mas sim como uma espécie de obrigação a qual lhes tira a liberdade de múltiplas coisas.

Em suma, acredita-se que a tecnologia, mesmo sendo algo advinda de um contexto em que a sociedade anseia por novos meios de interação, não opera no vazio. Em outras palavras, a tecnologia é, na verdade, um fenômeno que, por sua gênese ser essencialmente social, depende da dialogicidade de todas as áreas do conhecimento

---

<sup>9</sup> Não é objetivo discutir afundo a definição de cultura e *ethos* nessa abordagem. Para maiores informações, consultar os trabalhos de Featherstone (1997) e Hall (2003).

humano para que possa, enfim, exercer papel de catalisação de habilidades, sobretudo no que se refere ao campo de ensino.

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, A. SOUZA, A. E. Linguagem e Educação: Reflexões acerca das novas tecnologias da comunicação. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 16, n. 1, jan./abr. 2016, p. 169-179.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo/SP: HUCITEC, 2006.
- BAKHTIN, M.. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo/SP: HUCITEC, 2003.
- BAKHTIN, M.. **Problems of Dostoevsky's Poetics**. London: University of Minnesota Press, 1984.
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Z. **Conversations with Zygmunt Bauman**. Cambridge (UK), 2001.
- BEZERRA, C. A. C. **hCLOUD**: Um Middleware HL7 em Nuvem para Integração de Dados em Saúde. 2017. 81 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Software) – Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife, Recife, 2017.
- BIDERMAN, M. T. C. As Ciências do Léxico. In.: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. **As Ciências do Léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2ª Edição. Campo Grande\MS: Ed. UFMS, 2001. p. 13-22.
- FAIRCLOUGH, N. A Dialética do Discurso. In.: MAGALHÃES, I. (org). **Discurso e Práticas de Letramento**: Pesquisa etnográfica e formação de professores. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2012. p. 93-110.
- FAZENDA, I. C. **A Interdisciplinaridade**: História, Teoria e Pesquisa. 11ª. d. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade**: Um Projeto Em Parceria. 5ª. d. São Paulo, SP: Loyola, 2002.
- FAZENDA, I. C. A (Org.). **Novos Enfoques da Pesquisa Educacional**. 4ª. d. São Paulo: Cortez, 2001.
- FAZENDA, I. C. A. (Org.). **A Academia vai à Escola**. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- FEATHERSTONE, M. **O Desmanche da Cultura**: Globalização, Pós-modernismo e Identidade. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

FEITOZA, E. **Letramentos acadêmicos: o gerenciamento de vozes em resenhas e artigos científicos produzidos por alunos universitários.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas-SP, 2014.

FISCHER, A.; DIONÍSIO, M. L. Perspectivas sobre Letramento(s) no Ensino Superior: Objetos de estudos em pesquisas acadêmicas. **Atos de Pesquisa em Educação**, n. 1, v. 6, p. 79-93, jan./abr. 2011.

FREIRE, F. Linguagem, Tecnologia, Conhecimento e suas Relações no Contexto de Formação Continuada de Professores. **Revista Rua**, Campinas, N. 15, V. 2, Novembro 2009. p. 70-89.

FUZA, A. F. **A Construção dos Discursos Escritos em Práticas de Letramento Acadêmico-Científicas.** 2015. 368f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade.** São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GUSMÃO, J. B. B. **Qualidade da Educação no Brasil: Consenso e diversidade de significados.** 2010. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

HALL, S. (SOVIK, Liv, organizadora.) **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, Context, and Text; Aspects of language in social-semiotic perspective.** Oxford: Oxford University Press, 1989.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação.** Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LORENTE, M. A Lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. In.: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (orgs). **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia.** Vol. II. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004.

MIRANDA, A. F. S. **Jogos Pedagógicos no Processo de Ensino Aprendizagem em Química na Modalidade Educação de Jovens e Adultos.** 2015. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Federal do Goiás, Goiânia, 2015.

MOITA LOPES, L. P. da. Da Aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In.: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (orgs). **Linguística Aplicada: Um caminho com diferentes acessos.** 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2013a. p. 11-24.

MOITA LOPES, L. P. da.. Fotografias da Linguística Aplicada Brasileira na Modernidade Recente: Contextos escolares. In.: MOITA LOPES, L. P. da (org).

**Linguística Aplicada na Modernidade Recente:** Festschrift para Antonieta Celani. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2013b. p. 15-38.

MOITA LOPES, L. P. da. Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: Problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In.: MOITA LOPES, L. P. da (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006a. p. 85-108.

MOITA LOPES, L. P. da. Uma Linguística Aplicada Mestiça e Ideológica: Interrogando o campo como linguista aplicado. In.: MOITA LOPES, L. P. da (org). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006b. p. 13-44.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 4ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, E.; **Educar na Era Planetária:** O pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

PEREIRA, B. G. *et al.* Concepções Interdisciplinares sobre Linguagem: Dialogando com diferentes perspectivas do conhecimento. **Revista São Luís Orione**, Vol. 2, Nº 13, 2018, p. 39-51.

PEREIRA, B. G. **Relocalização de Saberes Acadêmicos na Construção de Vozes de Professores em Formação Inicial na Escrita Acadêmica Convencional e Reflexiva**. 2016. 350 f. Tese (Doutorado em Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2016.

PEREIRA, B. G. Breves Diálogos entre Linguística Sistêmico-Funcional e Linguística Textual: Considerações sobre o léxico. **Revista Querubim** – revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais. Ano 11, Nº 27 vol. 01, 2015. p. 72-78.

SAUSSURE, F. de. Curso de **Linguística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

SIGNORINI, I. Prefácio. In.: SIGNORINI, I. (org). **Gêneros Catalisadores:** Letramento e Formação do Professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 7-18.

STREET, B. V. **Letramentos Sociais:** Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo/SP: Parábola Editorial, 2014.

STREET, B. V. Eventos de Letramento e Práticas de Letramento: Teoria e prática nos Novos Estudos do Letramento. In.: MAGALHÃES, I. (org). **Discursos e Práticas de Letramento:** Pesquisa etnográfica e formação de professores. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2012. p. 69-93.

STREET, B. V. **Literacy in the Theory and Practice.** Cambridge University Press, 1984.

*Recebido em 28 de maio de 2019.  
Aprovado para publicação em 20 de junho de 2019.*